

Jornal: A Notícia

Data: 12-04-1969

Local: Rio de Janeiro

Título: "Objetos-Surprêsa" diálogo direto de Serpa com o grande público

Autor: Cavalcanti, Gilberto

"OBJETOS-SURPRÊSA" DIÁLOGO DE SERPA COM O GRANDE PÚBLICO

Os "objetos-surprêsa" de Ivan Serpa, em plena expansão no atelier do artista, serão apresentados pela primeira vez por ocasião da retrospectiva de sua obra, no Museu de Arte Moderna.

Móveis coloniais: camas, cômodas, armários, aguardarão os visitantes em sala especiais. E ao som de música estridente, de ruídos estranhos e infernais, sincronizados por Ricardo Gatti, serão os visitantes convidados a abrir estas peças coloniais adquiridas pelo artista em antiquários e por êle trabalhadas interiormente. Isto feito, todo um momento ou espetáculo psíquico-dramático terá início, mergulhando-se num mundo fantástico de bem-estar, mau-estar, ou choque. O espectador-participante se verá e verá os demais em espelhos que os projetarão pela ilusão ótica, em abismos, no labirinto branco de pequenas formas geométricas serpianamente arrumadas no interior deste mobiliário imponente de um Brasil de outrora. Dentro dêles ainda, no emaranhado das formas geométricas e dos espelhos, maiores ou menores, letras recortadas em dimensões diferentes, dispostas em desordem que, pela lógica comum se conseguirá arrumar visualmente e ler a frase ou o nome proposto pelo artista.

Uma cama coberta por uma bela colcha chamará a atenção. Ao ser descoberta captará no espelho que lhe serve de lastro, os que dela perto estiverem, causando impacto esta inesperada experiência erótica. Mais uma surpresa reservada por Serpa com estas suas criações de

já cat

já trechos selecionados 16

comunicação direta com a sensibilidade e comportamento de cada indivíduo.

Os "objetos-surprêsa" ficarão nítidos na lembrança dos que visitarem sua retrospectiva. E após esta vivência, em casa poderão revê-los sob todos os ângulos imagináveis, folheando o livro de fotografias que Sebastião Barbosa está elaborando. Explorando com sua câmara os "objetos-surprêsa", incluindo também neste seu trabalho pessoas que convivem com Serpa, associando com inteligência e bom-gosto o humano ao mecânico.

- A fotografia entretanto, diz Serpa, por melhor que seja, e as do Barbosa são muito boas, não correspondem ao objeto real...

"PINTURA DE CAVALETE AGONIZA"

Serpa, em constante renovação não se desgasta, não perde em qualidade mudando de fase, e como muda! "A obra tem de ser bem feita, a técnica aperfeiçoada sem no entanto mutilar a criação". É um dos que procurando com cada nova pesquisa produzir com honestidade, não permanecem presos a fórmulas ou conceitos superados para agradar e vender. "Não me preocupo em agradar. Cada criação é o que é".

Sua última exposição no Rio, em agosto de 1968, na Galeria Bonino, mostrava um trabalho inteiramente diverso do que agora o absorve, o interessa: os "objetos-surprêsas". Eran desenhos eróticos (que continua fazendo nas horas vagas) de qualidade e beleza notórias e quadros imensos com formas geométricas em cores puras saídas dos tubos de tinta.

- Gosto de renovar, diz, porque fazer arte, para mim é pesquisar constantemente. Dizem que mudo demais. Acontece que sou honesto comigo próprio. Mudar faz parte do meu temperamento irrequieto, e depois só se muda quando se tem algo a dizer com essa mudança. Quando se tem possibilidades, quando se domina o artesanato, o que justifica um ato normal de evolução. Mudar é preciso, é inerente ao ser que pensa, vive, ama, sofre.

Sabendo-o ter rompido como tantos outros, com a pintura de

cavalete e o seu monopólio estético, para aderir a uma arte de integração, na realidade quotidiana (fonte inesgotável de expressão), arte de participação e não de evasão ou de revolta, peço-lhe que fale deste seu rompimento com a tela.

- É simples, conta, a pintura de cavalete, para mim, deixou de me satisfazer como linguagem plástica o que aconteceu com os que evoluíram e pensam no mundo de hoje, procurando novos meios de expressão exigentes de nova sensibilidade e conceito do que se convencionou até hoje a chamar de "obra de arte". Os objetos assumem nos nossos dias importância primordial, tanto na literatura, no caso do "nôvo romance" como nas artes plásticas. Objetos encontrados ou adquiridos não importam onde e os materiais fascinantes da tecnologia. A pintura de cavalete é ultrapassada e digo com Restany: "Se Goya vivesse hoje seria cineasta e não pintor".

- Morreu então Serpa, de uma vez por todas a pintura de cavalete, como declaram os que não mais a utilizam?

- Seria incoerente, talvez, declarar ter ela morrido. A pintura de cavalete, entretanto, agoniza com os pintores que com ela ficaram no passado, como os acadêmicos. Ela não mais corresponde às ambições, ao desejo de expansão, de liberação do indivíduo que cria. Haverá no entanto, creio, sempre quem a comprará como houve até hoje quem comprasse acadêmicos. A arte convencional feita com tela e tintas não tem mais lugar de ser num mundo tão mutável, cheio de surpresas, impactos a cada instante. Em todas as épocas houve os que por incapacidade ^{de se renovarem por comodidade} de ^{de} simples reação, esclerosismo, estagnaram no que faziam... Nem mais um passo deram a frente, caso típico do indivíduo esfixiado por idéias estabelecidas, prisioneiro de todo um convencionalismo.

- Serpa, mas o que diz você, desta frase de Ionesco: "Querer ser do seu tempo já é ser ultrapassado".

- Concordo. O problema é que não se deve ter preocupação de nada. A evolução é espontânea e não premeditada. Em arte, sobretudo na da é cronometrado. Ionesco tem razão. Só o querer ser já é se acomodar

em alguma coisa de fixo e nada é fixo. Tudo é mutável. Por que então se a arte que é um reflexo de vivência deveria ser fixa. Eu vivo o meu instante, o momento presente, a precariedade do dia a dia. A criação não tem explicação para ela. Uma coisa é assim porque é assim, porque correspondeu a um determinado estado de espírito...

- Vanguarda, para você, o que é exatamente; uma arte que prepara para uma outra arte, definitiva que se tornará ultrapassada, após?

- Vanguarda é uma palavra, nada mais pra se denominar criações, pesquisa não ainda comercializadas. Para mim toda preocupação com a palavra vanguarda que em português diríamos "ser pra frente" já é uma velharia, é querer aparecer. E toda criação deve ser despojada de sensacionalismo. Deve ser porque tinha de ser, simplesmente, como o respirar, o dormir, o fazer amor.

E acrescentou:

- Cada fase minha nada tem a ver com a anterior, porque para mim cada coisa deve ser distinta, independente. Amanhã por exemplo os "objetos-surprêsa" não mais vão me satisfazer. Partirei para nova pesquisa nova descoberta. Isto é a vida. O que hoje é presente, amanhã é passado. Na era supersônica ninguém embarca mais num quadrimotor para realizar longo percurso. O progresso se impõe, destrói "tabus", cria novos. Nós o acompanhamos...

NOTAS: As Arcas e móveis objetos-surpresa de Ivan